

Sumário

<i>Prefácio</i>	9
1. ORIENTAÇÕES PARA 2CORÍNTIOS 10—13	13
2. DESOBEDIÊNCIA <i>VERSUS</i> DISCIPLINA	41
Um apelo à fé obediente (10.1-6)	
3. A FEIURA DE OSTENTAR SUPERIORIDADE ESPIRITUAL	65
Como não se gloriar no Senhor (10.7-18)	
4. O PERIGO DO FALSO APOSTOLADO	89
Derrubando os critérios fraudulentos (11.1-15)	
5. QUALIFICAÇÕES TRIUNFALISTAS	113
Respondendo aos loucos segundo a sua loucura (11.16-33)	
6. DESTRUINDO VISIONÁRIOS SUPERESPIRITUAIS	137
Gloriando-se na fraqueza (12.1-10)	
7. FRANCA REPREENSÃO	157
Os erros dos coríntios e os motivos do apóstolo (12.11-21)	
8. ADVERTÊNCIA E ORAÇÃO	175
<i>Tendo a maturidade como objetivo</i> (13.1-14)	



Prefácio

Amo o apóstolo Paulo. Algumas pessoas, porém, não conseguem compreender esse meu amor. Para elas, Paulo é seco, meramente intelectual, intimidante e até arrogante. Respondo sem hesitação que elas não o conhecem.

Apesar de amar o apóstolo, escrevi muito pouco sobre ele. Por várias razões, minha atenção nos últimos doze anos tem sido grandemente dedicada a Mateus e a João ou a temas mais abrangentes do Novo Testamento. No entanto, tenho ensinado o *corpus* paulino a sucessivas gerações de seminaristas e tenho pregado várias de suas cartas a diversas congregações. Ao preparar essas minhas aulas ou pregações, tenho sido gradualmente exposto a trechos substanciais de várias obras produzidas sobre Atos e as cartas de Paulo. Não afirmo ter profundo domínio de toda essa literatura, todavia passei a conhecer o apóstolo um pouco melhor. E conhecê-lo significa amá-lo.

É possível defender a tese de que os capítulos mais intensos de todos os seus escritos são estes que estudaremos aqui, ou seja, os capítulos 10 a 13 de 2Coríntios. Certamente revelam mais a respeito de Paulo — seus sofrimentos e valores, suas motivações e lutas, e as percepções que tinha de si mesmo — do que quaisquer outros quatro capítulos de extensão comparável. No entanto, longe

de promover o egocentrismo, eles apontam, infalivelmente, para Jesus Cristo e para o que significa ser cristão. Além do mais, esse curto trecho da Escritura tem muito para dizer à igreja atual, principalmente no Ocidente. Por isso, resolvi, com a ajuda de Deus, dedicar esta obra a esses capítulos.

A maior parte do material que a compõe é resultado de sermões em igrejas e de conferências no Canadá, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Foi feito um trabalho de revisão e adaptação para o formato de livro; mas conservei o movimento da exegese para aplicação por ser essa uma das marcas que distinguem um sermão de uma palestra. Minha esperança é que este material encoraje os cristãos a não só ler a Bíblia em seu contexto histórico e teológico, mas também a aplicá-la, com sensibilidade e discernimento, à sua vida e à igreja de hoje. Espero também que alguns leitores, assim como eu, venham a amar Paulo. É ínfimo o risco de esse amor tornar-se idólatra, pois quem conhece o apóstolo aprende que ele não coloca “pedra de tropeço no caminho de ninguém” (2Co 6.3). Conhecer o apóstolo também significa descobrir que imitá-lo é tirar o foco de Paulo e voltá-lo para o Senhor Jesus Cristo (1Co 11.1). Se começarmos aprender a fazer isso o próprio Paulo se sentiria radiante.

Sou muito grato a Marty Irwin por suas usuais habilidade e gentileza de transformar meu manuscrito num texto em formato digital e, assim, preparar esta obra para publicação.

Soli Deo gloria.

D. A. CARSON

Trinity Evangelical Divinity School

Comentários utilizados

Como este livro não é um comentário técnico, evitei as referências detalhadas típicas desse gênero. Mas, quando foram publicados nos Estados Unidos os dois primeiros volumes da série a que este volume pertence originalmente, vários leitores sugeriram que eu fornecesse uma lista de comentários. Acatei a sugestão e, ocasionalmente, cito certos trechos desses comentários, identificando a obra apenas pelo nome do autor. Evitei ao máximo referências explícitas a obras, artigos de periódicos e outras fontes semelhantes em língua estrangeira, embora tenha com frequência interagido com seu conteúdo. Há dois comentários em língua estrangeira, porém, que não pude eliminar da lista a seguir de fontes citadas.

- ALLO, E. B. *Saint Paul: Seconde Epitre aux Corinthiens* (Paris: Gabalda, 1956).
- BARRETT, C. K. *The second Epistle to the Corinthians* (London: Black, 1973).
- BEET, J. A. *II Corinthians* (London: Hodder and Stoughton, 1982).
- BENGEL, J. A. *Gnomon of the New Testament* (Edinburgh: T and T Clark, 1857). vol 3.
- BRUCE, F. F. *1 and 2 Corinthians* (London: Oliphants, 1971).
- CALVIN, John. *II Corinthians—Philemon* (Edinburgh: Oliver and Boyd, 1964).
- DENNEY, James. *II Corinthians* (London: Hodder and Stoughton, 1984).
- FAUSSET, A. R. *II Corinthians*. Commentary on the Bible (London: Collins, 1874).
- GOUDGE, H. L. *II Corinthians* (London: Methuen, 1927).
- HARRIS, M. J. *2 Corinthians*. The Expositor's Bible Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1976). vol 10.
- HENRY, Matthew. *Commentary on the whole Bible* (London: Fisher, 1845).
- HODGE, Charles. *II Corinthians* (London: Banner of Truth, 1959).
- HUGHES, Philip E. *Paul's second Epistle to the Corinthians* (Grand Rapids: Eerdmans, 1962).
- LIETZMANN, H. *An die Korinther I, II* (Tuebingen: J. C. B. Mohr, 1969). (Obra ampliada por W. B. Kuemmel.)
- MENGIES, Allan. *II Corinthians* (London: Macmillan, 1912).
- MEYER, H. A. W. *Critical and exegetical handbook to the Epistles to the Corinthians* (Edinburgh: T and T Clark, 1964).
- ROBERTSON, A.; PLUMMER, A. *II Corinthians* (Edinburgh: T and T Clark, 1915).
- WAITE, J. *II Corinthians* (London: John Murray, 1881).
- WILSON, Geoffrey. *2 Corinthians: a digest of reformed comment* (Edinburgh: Banner of Truth, 1973).

1

Orientações para 2Coríntios 10—13

Vivemos em um tempo e lugar na história ocidental em que, cada vez mais, a humildade é percebida como sinal de fraqueza; a mansidão é tida por defeito, e não virtude; ventos de doutrina são mais importantes do que a substância; a liderança, mesmo na igreja, com frequência diz mais respeito a politicagem, estilo e encenação, ou com estrutura e hierarquia, do que com maturidade espiritual e semelhança a Jesus Cristo; vivemos em um tempo em que o orçamento é visto como um indicador de sucesso eclesiástico mais importante do que vida de oração e em que papo furado sobre experiência espiritual atrai instantaneamente seguidores, mesmo quando acompanhado de uma soberba mal disfarçada que desconhece tanto a humildade quanto as lágrimas. A todo cristão que estiver ávido por entender tais males e deles se arrepender, os capítulos de 10 a 13 de 2Coríntios falam com poder e paixão excepcionais.

Esses capítulos estão entre os mais emocionalmente intensos de tudo o que o apóstolo Paulo escreveu. Em parte, por essa mesma razão, eles estão também entre os mais difíceis. Frequentemente a linguagem do apóstolo é apaixonada; suas perguntas retóricas, emotivas; sua sequência de pensamento, condensada;

sua sintaxe, fragmentada (como de imediato sugere um relance por várias versões bíblicas em torno, por exemplo, de 2Co 13.2!). Logo, a sabedoria impõe que façamos um trabalho de reconhecimento do texto adiante de nós, esse é o propósito deste capítulo. Alguns leitores podem preferir ir direto para o capítulo 2, mas uma leitura da exposição sem conhecimento adequado do contexto pode se mostrar desnecessariamente frustrante.

Levantamos duas questões:

A. Por que voltar o foco para 2Coríntios de 10 a 13?

1. Porque esses capítulos revelam com maior clareza o coração e a mente do apóstolo Paulo. De modo geral, naturalmente, podemos dizer que é importante estudar esses capítulos pelo simples fato de fazerem parte da Palavra de Deus; é difícil imaginar que alguém que tenha dado os primeiros passos no sentido de amar a Deus de todo coração, de toda alma, de todo entendimento e de todas as forças (Mc 12.30) não queira absorver o máximo que puder da Palavra de Deus. Além disso, tais capítulos certamente contêm várias passagens bastante conhecidas e que têm provido consolo e encorajamento a incontáveis gerações de cristãos. A passagem que fala do “espinho na carne” (2Co 12.1-10) nos vem à mente da forma mais insistente, com sua surpreendente promessa, “Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (12.9): uma promessa aclamada em muitos hinos e coros. Porém, naturalmente há muitas outras partes da Escritura para aprender, e cada uma tem sua coleção de tesouros. O que torna a passagem de 2Coríntios 12.1-10 singular é a clareza com a qual revela o coração e a mente do apóstolo.

Isso não é pouca coisa, e nossa alegria nessa descoberta não pode ser ridicularizada como se fosse um deleite de historiador em detalhes antiquados. Quer reconheçamos isso, quer não, grande quantidade do que aprendemos vem da imitação de outro alguém. Por esse motivo Paulo não hesita em dizer a seus convertidos que o imitem à medida que ele imita a Cristo (1Co 4.16; 11.1; 1Ts 1.6; cf. Ef 5.1; 1Ts 2.14; Hb 6.12). Perto do coração do discipulado de pessoas na fé cristã encontra-se a autodisciplina de servir como modelo para o aprendiz. Ainda que não necessariamente, na maioria das vezes ações falam mais alto do que palavras. Nos capítulos de 10 a 13 de 2Coríntios, podemos ver a uma distância de quase dois mil anos não somente o que Paulo ensinou, mas

também como ele viveu; e seu exemplo ainda ajuda cristãos zelosos a viverem em maior conformidade com o supremo padrão, o Senhor Jesus.

Em um nível superficial, aprendemos muitíssimo mais sobre os sofrimentos de Paulo com esses capítulos do que no livro de Atos. Lucas nos relata sobre um naufrágio; Paulo nos informa (2Co 11.25) sobre três outros que ocorreram antes daquele mencionado em Atos. Lucas jamais menciona os açoites que o apóstolo recebeu dos judeus; Paulo enumera as cinco vezes em que foi açoitado (v. 24). Lucas narra de forma bastante sucinta a fuga de Paulo de Damasco (At 9.23–25), obviamente vendo no acontecimento algo da graciosa providência de Deus; Paulo olha retrospectivamente para a mesma experiência com um profundo senso de vergonha (2Co 11.30–33). Todavia, esses e outros fragmentos de informação não são, afinal de contas, superficiais, pois nos capacitam a apreciar um lado do apostolado que somos propensos a ignorar: a imensa capacidade de sofrer por amor a Jesus.

Isso nos leva a considerar a segunda característica da vida de Paulo destacada nitidamente aqui: seu estilo de liderança, a maneira que exercia sua autoridade apostólica. Vemos um Paulo capaz de ameaçar (2Co 13.2), explicar (12.10), amar (11.11), repreender (12.11) e até usar de sarcasmo (v. 16). Mas quando? E por quê? Esses recursos apostólicos são reflexos de uma autoridade arrogante ou de um servo de Cristo que está relutante em usar o pleno poder com o qual Deus o equipou? Em que sentido Paulo é um exemplo normativo para a liderança cristã de hoje?

Outra área digna da mais rigorosa imitação, não há dúvida, é a forma de Paulo lidar com a vanglória. Esse é um tema tão central aqui que retornaremos a ele diversas vezes. Por ora basta dizer que Paulo normalmente é muito reticente em falar sobre as maravilhosas coisas que Deus realiza por meio dele ou lhe revela. Seu axioma é, “quem se gloriar, glorie-se no Senhor” (2Co 10.17). No entanto, nesses capítulos descobrimos Paulo se gloriando, ainda que se sinta intensamente desconcertado ao ser forçado a falar assim (e.g., 11.16–18). O que o leva a adotar tais medidas? De que forma a autopromoção cristã de nosso tempo imita Paulo nesse aspecto, e de que forma diverge dele?

Por fim, Paulo alerta a igreja em Corinto sobre os perigos da falsa liderança. Se os coríntios podiam ser enganados por gente que Paulo descreve como “falsos apóstolos, obreiros enganosos, fingindo-se apóstolos de Cristo” (2Co 11.13), não podemos ser enganados de igual modo? Quais perspectivas nos preservarão desse perigo? Como devemos fazer para aplicar a nós mesmos (da forma que

Paulo aplicou aos coríntios) sua intimidante insistência, “Examinem-se para ver se vocês estão na fé, provem-se a si mesmos” (13.5)?

O exemplo que o apóstolo nos deixa como homem sob ataque é entrelaçar todas essas preocupações, mas ir além delas. Talvez uma das acusações mais difíceis que um líder cristão maduro possa enfrentar é a dupla crítica de que lhe faltam credenciais e eficiência ao mesmo tempo em que comete excessos no exercício de sua autoridade. A acusação, naturalmente, pode ser legítima em alguns casos; mas, se não for, é notoriamente difícil de responder. Se, por um lado, o líder responder à primeira parte da crítica listando suas credenciais e seus feitos, os críticos podem responder apoiando-se na segunda parte: “Ah, viu só, eu não disse? Ele é tão arrogante que fica falando sobre si mesmo”. Se, por outro lado, o líder subestimar sua importância a fim de refutar a acusação de arrogância, seus críticos sempre podem responder: “Eis o problema; ele de fato não possui real potencial de liderança”. Paulo é acusado justamente dessa combinação de críticas, só que no seu caso o conjunto de acusações é ainda mais complexo. Suas cartas, dizem seus oponentes, são pesadas, ainda que ele pessoalmente não impressione (2Co 10.10). Como então Paulo deve responder a isso por carta? Se ele for contido no falar, não será capaz de atacar o feixe de problemas; se falar além do necessário, sua carta forte e pesada será prontamente descartada como algo previsível. Ele é acusado de ser um apóstolo inferior (11.5); mas se listar suas credenciais, estará gabando-se com base em comparações nocivas entre si mesmo e outros: uma prática que ele condena (10.12). Ele é acusado de não estar disposto a receber sustento da igreja de Corinto (11.7,8), e também é acusado de furtivamente desviar fundos coletados para os cristãos em Jerusalém, a fim de encher o próprio bolso (veja comentários em 12.16).

Provavelmente Paulo nem teria se dado ao trabalho de responder essas e outras acusações se o que estivesse em jogo não fosse o próprio evangelho. Os intrusos que estavam desencaminhando a igreja de Corinto não somente tinham ambições pessoais, mas estavam pregando o que Paulo discernia como um falso evangelho, um outro Jesus (2Co 11.4). Isso não deixou alternativa a Paulo a não ser entrar na briga; e o modo que ele o fez — com sabedoria, sutileza, humor, ironia, sofisticação, mas também com impressionante angústia, dor e intensidade emocional — constitui um maravilhoso estudo de caso sobre a liderança cristã e a manutenção dos valores e das prioridades cristãs.

Esses capítulos merecem cuidadoso escrutínio não somente por revelarem claramente o coração e a mente do apóstolo Paulo, mas também: